

TODAS AS ARTES

.....
REVISTA LUSO-BRASILEIRA DE ARTES E CULTURA
ALL THE ARTS LUSO-BRAZILIAN JOURNAL OF ART AND CULTURE



Vol. 7, N. 3, Set.-Dez. 2024
ISSN 2184-38052

O CONCEITO DE CORPO-MUNDO E DE CORPO FANTASMAGÓRICO: UM MANIFESTO SENSORIAL PARA DESACELERAR O TEMPO

THE CONCEPT OF THE WORLD-BODY AND THE GHOSTLY BODY: A SENSORY MANIFESTO FOR SLOWING DOWN TIME

LE CONCEPT DU CORPS-MONDE ET DU CORPS FANTÔME : UN MANIFESTE SENSORIEL POUR RALENTIR LE TEMPS

EL CONCEPTO DE CUERPO-MUNDO Y EL CUERPO FANTASMAL: UN MANIFIESTO SENSORIAL PARA RALENTIZAR EL TIEMPO

Cecília de Lima

Instituto de Etnomusicologia, Centro de Estudos em Música e Dança, Universidade de Lisboa, Portugal

RESUMO: A depredação do planeta inscrita no sistema capitalista mundial continua a passos largos. Diante de uma realidade deveras desanimadora, pergunto-me: como pode a prática e conhecimento artístico contribuir para a tentativa de abraçar um mundo mais sustentável? A prática artística da dança trabalha uma intensificação da consciência corporal em que a percepção de corpo é experienciada como um constante fluxo relacional – um corpo-mundo. Partindo deste conceito, no pensamento de Bruno Latour (2005) e de Ailton Krenak (2019), e com base nos estudos das ciências de Embodied Cognition e na noção de “cronopolítica” de Paul Virilio (2007), proponho um manifesto para a percepção de corpo enquanto um processo relacional ecológico, resistente á embriagues da tirania da velocidade.

Palavras-chave: corpo-mundo, corpo-virtual, cronopolítica, dança, percepção

ABSTRACT: The depredation of the planet inscribed within the global capitalist system continues at a rapid pace. Faced with a truly disheartening reality, I wonder: How can artistic practice and knowledge contribute to the attempt to embrace a more sustainable world? The artistic practice of dance works on an intensification of bodily awareness in which the perception of the body is experienced as a constant relational flow – a body-world. Building upon this concept, drawing from the thoughts of Bruno Latour (2005) and Ailton Krenak (2019), informed by the studies of Embodied Cognition, and embracing the notion of "chronopolitics" by Paul Virilio (2007), I propose a manifesto for the perception of the body as an ecological relational process, resistant to the inebriation of the tyranny of speed.

Keywords: body-world, virtual body, chronopolitics, dance, perception

RÉSUMÉ: La déprédation de la planète inscrite dans le système capitaliste mondial se poursuit à un rythme effréné. Face à cette réalité décourageante, je me demande comment la pratique et la connaissance artistiques peuvent contribuer à la tentative d'embrasser un monde plus durable. La pratique artistique de la danse vise à intensifier la conscience corporelle, dans laquelle la perception du corps est vécue comme un flux relationnel constant - un corps-monde. En m'appuyant sur ce concept, sur la pensée de Bruno Latour (2005) et d'Ailton Krenak (2019), et sur les études des sciences de la cognition incarnée et la notion de «chronopolitique» de Paul Virilio (2007), je propose un manifeste pour la perception du corps en tant que processus relationnel écologique, résistant à l'intoxication de la tyrannie de la vitesse.

Mots-clés: corps-monde, corps-virtuel, chronopolitique, danse, perception

RESUMEN: La depredación del planeta inscrita en el sistema capitalista global continúa a buen ritmo. Ante una realidad tan desalentadora, me pregunto: ¿cómo pueden contribuir la práctica y el conocimiento artísticos al intento de abrazar un mundo más sostenible? La práctica artística de la danza trabaja para intensificar la conciencia corporal, en la que la percepción del cuerpo se experimenta como un flujo relacional constante: un cuerpo-mundo. Partiendo de este concepto, del pensamiento de Bruno Latour (2005) y Ailton Krenak (2019), y basándome en los estudios de las ciencias de la Cognición Corporalizada y en la noción de «cronopolítica» de Paul Virilio (2007), propongo un manifiesto para la percepción del cuerpo como un proceso relacional ecológico, resistente a la intoxicación de la tiranía de la velocidad.

Palabras clave: cuerpo-mundo, cuerpo-virtual, cronopolítica, danza, percepción

Introdução

Passados os períodos de confinamento, parece que a crise global pandémica não impediu a depredação do planeta inscrita no sistema capitalista mundial. A lógica da predação no planeta continua. Ao refletir sobre a falta de energia, de ideais e de espírito democrático perante a destruição ambiental que ameaça a humanidade Beck (2010) defende que a política climática necessita de ser entendida não como sendo só sobre o clima, mas especialmente sobre as transformações necessárias das categorias que temos utilizado para entender e organizar a sociedade. Com a expressão "Climate for Change", Beck reforça a relevância de pensar além das abordagens convencionais para a modernidade, ou seja, a solução para a crise climática passa pela construção de uma modernidade alternativa com uma nova visão sobre o que é prosperidade.

Embora a realidade possa ser desanimadora, penso que se continuarmos o nosso trabalho artístico e académico devemos acreditar que pode fazer uma pequena diferença. Então, muitas vezes me pergunto: Como pode o meu conhecimento e prática artística contribuir para um mundo mais sustentável e empático?

Bruno Latour (2020: 5) defende que é essencial "abandonar a produção como o único princípio único de relação com o mundo". Proponho aqui que é justamente na mudança desse paradigma relacional que a arte tem um papel essencial. Mais especificamente, como proclama Ailton Krenak (2019), é preciso aprofundar a relação com o mundo através do corpo. Essas sugestões oferecem-me algumas orientações para refletir sobre o envolvimento da dança enquanto uma voz artística participante no desenvolvimento de uma consciência ecológica.

Antes de desenvolver sobre como prática técnica e artística da dança desenvolve uma intensificação da consciência corporal associada à noção de um *corpo-mundo*, é relevante questionar: qual é a tendência comum relativamente ao modo como concebemos a noção de corpo na atualidade?

Wolf (2018) sublinha que a visão contemporânea de corpo é ainda muito focada no mito (propagado pelos média) de uma beleza inatingível e de um corpo jovem (especialmente no que se refere à beleza feminina). Mito esse que conduz a uma baixa autoestima, funcionando como uma forma de opressão e meio de controlo social. Por outro lado, Butler (2020) critica o facto de que atendemos à ideia de corpo a partir de uma noção binária de definição de género associado a uma orientação sexual e identificação racial, a qual está na base do funcionamento da hegemonia heterossexual na criação de matérias sexuais e políticas. De modo genérico a perceção e conceptualização de corpo é concebida sobretudo segundo um prisma biológico e analítico (estudado desde cedo no ensino geral) associado a ideais de beleza e saúde e identificado segundo noções de género, sexualidade e raça. A tendência atual sobre as implicações sociais e políticas associadas ao modo de perceber e conceber a noção de corpo é algo multifacetado e complexo que não se pretende desenvolver aqui. Porém, é relevante sublinhar que a conceção de corpo segundo uma perspetiva somática (Hanna, 1985), que se refere a uma consciência de corpo sentido e percebido sob uma perspetiva interna e ao desenvolvimento sensitivo da perceção sensoriomotora, é ainda praticamente descurada na sociedade ocidental (Johnson, 1983). O conhecimento derivado das sensações sensoriomotoras e do sentir experiencial (Lakoff, G. & Johnson, M., 1999) é tendencialmente desconsiderado.

1.A perceção do *corpo-mundo*

Uma questão fundamental intrínseca à prática artística da dança debruça-se justamente sobre como sentimos e percebemos o corpo e como esse sentir sensoriomotor gera sentido sobre a nossa relação com o mundo. A prática da dança, na sua integração com as práticas somáticas, exercita uma intensificação da consciência sensoriomotora que aprofunda a perceção das sensações corporais (De Lima, 2017). Ao focar na perceção sensorial do corpo e nas sensações dos seus micro e macro movimentos, como por exemplo a sensação de abrir, fechar, tremer, torcer, esticar, prolongar, cair, saltar, jogar com o peso do corpo, etc., a relação do corpo com o espaço e o tempo torna-se mais intensa. Nesta prática do movimento pela sensação do próprio movimento, também aqueles micro-movimentos intrínsecos ao funcionamento do corpo se tornam mais conscientes (Gil, 2001), como por exemplo, o pulsar dos batimentos cardíacos, o fluxo sanguíneo e o movimento da respiração na sua relação com o ambiente em volta: expandir para absorver o ar exterior e o contrair para expelir o ar interior. Deste modo, a prática de escutar o corpo e de exercitar o movimento pela sensação que o movimento gera, intensifica uma perceção experiencial do corpo na sua relação com o ambiente á sua volta. Noutras palavras, o corpo deixa de ser concebido como algo estanque e codificado e passa a ser experienciado como um sistema poroso dependente da sua relação física e energética com o ambiente.

A dança como prática somática e artística revela uma necessidade intrínseca de incorporar o mundo e desincorporar-se nele, em que a perceção de corpo é experienciada como um constante fluxo relacional (De Lima, 2013, 2017). O corpo não é mais percebido como um sujeito definido, estável e independente, mas passa a ser vivenciado como um processo de transformação relacional - é um *corpo-mundo*. (De Lima, 2017). Portanto, o conceito de *corpo-mundo* refere-se à nossa matéria viva não como algo contido em si, mas como um

processo contínuo de relação com o meio. Este conceito foca um conhecimento experiencial em que o corpo é percebido como um processo de transformação e renovação intrínseco ao processo homeostático dos seres vivos (Damásio, 2000), absorvendo e expelindo, alimentando, resistindo à gravidade, movendo-se, ouvindo, cheirando, tocando, etc. Neste modo de sentir e perceber o corpo torna-se manifesto aquilo que nos é intrínseco: cada organismo relaciona-se com o mundo através da força da gravidade da terra, da tensão muscular, dos batimentos cardíacos, do ar que respira, da água que bebe e da comida que come (ou desperdiça), etc.

Não só a dança, mas também as outras artes aprofundam a relação com o mundo através do corpo porque aprofunda a nossa percepção do corpo enquanto um processo sensorial relacional. A nossa existência enquanto ser vivo é um processo sensível de constante interação com o ambiente que surge numa relação de integração e equilíbrio homeostático e não numa relação de domínio e consumo descontrolado.

Diversos autores do âmbito das ciências cognitivas (Clark, 1998; Damásio, 2000, 2010; Lakoff & Johnson, 1999; Rosch *et al.*, 2016) têm demonstrado que é a partir da percepção corporal e da experiência incorporada no mundo que geramos sentidos, percepções, sentimentos, comportamentos e modos de pensar. No entanto, a percepção sensorial do *corpo-mundo* é hoje predominantemente não convocada, ou pelo menos não é o modo principal de como a noção de corpo é encarada. Atualmente, o corpo é entendido e vivenciado principalmente como um produto: um produto da competição, da beleza ou um objeto biológico. Nessa visão de corpo-produto, os comportamentos e modos de pensar desconectam-se do mundo que realmente origina e sustenta nossa sobrevivência. Assim, torna-se indispensável contestar a tendência para uma sociedade asséptica, que não valoriza o contato e as sensações corporais, que vive longe dos ambientes naturais e que pensa na sobrevivência das espécies fora do planeta Terra.

2.A relação *corpo-mundo* com o conceito de cronopolítica de Paul Virilio

O desenvolvimento da percepção *corpo-mundo* é uma prática sensorial que requer tempo para sentir, ouvir, observar e contemplar. Desta forma, esta prática sensorial também desafia a tirania da velocidade associada ao conceito de cronopolítica de que fala o filósofo e teórico da mídia francês Paul Virilio (2007). Para Virilio a política social é hoje uma cronopolítica no sentido de que é uma corrida contra o tempo. A cronopolítica envolve a interseção entre o tempo, a política e a tecnologia, e é uma extensão de suas reflexões sobre a aceleração do tempo na era da tecnologia. A ideia central da cronopolítica é que as mudanças tecnológicas e as inovações no campo da comunicação e dos transportes não apenas alteram a nossa percepção do tempo, mas também afetam as estruturas de poder e o funcionamento da política. Virilio argumenta que a aceleração do tempo, especialmente através dos avanços na tecnologia, cria uma série de desafios e dilemas para a política e a sociedade, podendo ter efeitos colaterais indesejáveis, como a falta de reflexão, a perda de autenticidade e a propensão a decisões impulsivas. Virilio alerta também para uma tendência a um achatamento do espaço e do tempo, em que globalização e a comunicação instantânea tornaram o mundo mais acessível, mas simultaneamente levam a uma homogeneização cultural, sem espaço para a diferença e com implicações políticas significativas.

Segundo Virilio, vivemos sob a velocidade da transação que garante a hegemonia da especulação sobre as necessidades reais. Vivemos sob a velocidade tecnológica que anuncia o progresso como uma produção imediata e imediatista, sem tempo para contemplar a natureza ou os desenvolvimentos sociais. Essa aceleração do tempo real compromete a percepção do mundo sensível e a empatia entre os seres humanos.

Resumindo, a velocidade do desenvolvimento tecnológico tem produzido um pensamento imediatista que apela à reação e não à reflexão; que liga os lugares da terra numa globalidade virtual e capitalista, mas sem os sentir; sem espaço para a diferença e obliterando a experiência cultural real. Essa alucinação de velocidade torna o mundo plano e superficial.

Quando, partindo do corpo, eu me pergunto como ele se faz vidente, quando examino a região crítica do meu corpo estesiológico, tudo se passa [...] como se o corpo visível permanecesse inacabado, aberto, como se a fisiologia da visão não lograsse fechar o funcionamento nervoso sobre ele mesmo (Merleau-Ponty, 2000: 142).

A percepção de *corpo-mundo* é uma percepção que passa pelo corpo estesiológico de que fala Merleau-Ponty, passa pelo desenvolvimento de uma capacidade de aprofundar as sensações corporais, um corpo aberto ao mundo. Esta percepção de corpo que vive do seu processo de incorporar o mundo e se desincorporar nele, num contínuo e constante processo de transformação é também uma percepção que passa pela intensificação do sentir contemplativo da cadência transformativa do corpo, uma cadência desacelerada. Deste modo, a percepção de corpo enquanto *corpo-mundo*, vem de encontro a este argumento de Virilio para a desaceleração do tempo.

3.O corpo-mundo e o corpo virtual

No projeto *Ghost Dance*, com o qual me encontro atualmente envolvida, questionamos a importância da presença física e a crescente mediação das tecnologias digitais na forma como nos relacionamos uns com os outros. No contexto das tecnologias digitais, as relações humanas perdem o seu sentido de incorporação que deriva do tato, de uma experiência partilhada do espaço, e de uma percepção viva do movimento. Dentro do âmbito tecnológico exploramos especificamente a relação do bailarino com um avatar de Realidade Virtual e a Inteligência Artificial para gerar análise de movimento.

Embora a realidade virtual explore novos modos de interação corporal, gerando inúmeras potencialidades que ainda estão por ser exploradas, o movimento interativo com um corpo virtual perde a qualidade material e vibrante de um corpo físico, que está associada a percepções corpóreas básicas, como peso, temperatura, toque e respiração. Isso sugere um novo paradigma relacional e, ao mesmo tempo, requer uma nova forma de analisar e compreender o movimento, questionando como a percepção de peso, toque, espaço, tempo e esforço é desafiada quando se relaciona com outro corpo por meio de um ambiente virtual. Uma questão-chave a explorar é como experimentamos a incorporação de nós mesmos e do outro ao nos relacionarmos na realidade virtual? Quais implicações isso pode ter na forma como interagimos e nos relacionamos com nosso entorno?

Na relação com um corpo virtual a percepção de materialidade e a qualidade viva, transformativa do corpo é colocada em suspensão. O corpo virtual é visível nas suas 3 dimensões espaciais, mas é um corpo sem matéria, que não se pode agarrar, tocar, que não partilha a sensação de peso ou de tensão muscular, que não nos suporta, e que, tal como um corpo criado com sistemas de inteligência artificial, é um corpo não vivo, que não tem necessidade de respirar, de incorporar no mundo e se desincorporar nele, sem sensação de dor e prazer, possivelmente sem necessidades e desejos viscerais, e como tal, segundo António Damásio (2000, 2010) e Anil Seth (2021) sem emoção, empatia e consciência de si. Em oposição ao *corpo-mundo*, o corpo tecnológico tende a ser um corpo fantasmagórico, sem interação afetiva.

Por outro lado, a relação com um corpo virtual é uma relação que desafia os nossos sentidos percetivos habituais. Exatamente porque não podemos agarrar, sentir o toque, jogar com o suporte ou sentir a respiração do “outro”, a consciência destes desejos e sensações torna-se mais presente. Concomitantemente, nesta relação, o nosso corpo pode ser trespassado pelo avatar e podemos trespassar o corpo do avatar, a sensação de materialidade do corpo torna-se significativa e é desafiada.

Conclusão

Para concluir: como afirma Latour (2020), é urgente resistir à atitude capitalista de produção e consumo, abandonando a produção como único princípio de relação com o mundo. Sugiro que a arte tem um papel essencial no ato de resistência a tal atitude capitalista ao aprofundar a relação com o mundo através da percepção do corpo como *corpo-mundo*.

E, finalmente, seguindo a linha de argumentação de Virilio: a prática da percepção *corpo-mundo* é uma prática sensorial que também resiste à realidade cronopolítica porque apela à contemplação de um tempo corporal em oposição à sincronização dos sistemas automáticos e ao tempo da máquina.

Em oposição ao *corpo-mundo*, o automatismo de uma entidade tecnológica tende a ser um corpo fantasmagórico, sem interação afetiva, pois são entidades sem capacidade ou necessidade de sustentar os processos que alimentam a condição de vida, ou seja, sem a necessidade orgânica de transformação e sem os processos de equilíbrio homeostático que sustentam a necessidade de manutenção da vida.

É necessário desacelerar o mundo para sentir o movimento do tempo, para nos afastarmos do imediatismo das novas tecnologias, para instigar a diversidade biológica e cultural e intensificar de novo a percepção de *corpo-mundo*.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Beck, U. (2010) Climate for Change, or How to Create a Green Modernity? *Theory, Culture & Society*, Vol. 27(2-3), 254-266
- Butler, Judith (2020). *Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"*. São Paulo: N-1 Edições.
- Clark, A. (1998). Embodiment and the philosophy of mind. In A. O'Hear (Ed.), *Current Issues in Philosophy of Mind: Royal Institute of Philosophy, Supplement 43* (pp. 35-42). Cambridge: Cambridge University Press,
- Damásio, A. (2000). *The Feeling of What Happens: Body and Emotion in the Making of Consciousness*. London: Vintage Books.
- Damásio, A. (2010). *O Livro da consciência: A construção do cérebro consciente*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- De Lima, C. (2013). Trans-Meaning: Dance as an embodied technology of perception. *Journal of Dance and Somatic Practices* 5 (1), 17-30, DOI: https://doi.org/10.1386/jdsp.5.1.17_1.
- De Lima, C. (2017). *Pensamento transversal: A arte de experienciar o mundo como o paradoxo de movimento* (Tese de Doutorado). Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Gil, J. (2001). *Movimento total: O corpo e a dança*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Hanna, T. (1985). *Bodies in revolt: A primer in somatic thinking*. Novato, CA: Freeperson Press.
- Johnson, D. H. (1983). *Body, recovering our sensual wisdom*. Boston: Beacon Press.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. S. Paulo: Schwarcz S.A.
- Lakoff, G. & Johnson, M. (1999). *Philosophy in the Flesh: The embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books.
- Latour, B. (2020). *Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise*. Disponível em <https://www.n-1edicoes.org/textos/28>. (acedido a 20/01/2021).
- Merleau-Ponty, M. (2000). *O Visível e o invisível*. S. Paulo: Perspetiva.
- Rosch, E.; Thompson, E.; Varela, F. J. (2016). *The embodied mind: cognitive science and human experience*. London: The MIT Press.
- Seth, A. (2021). *Being you: A new science of consciousness*. UK: Dutton.
- Virilio, P. (2007). *Speed and politics*. Los Angeles: Semiotext(e).
- Wolf, Naomi. (2018). *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, Edição do Kindle.

Financiamento

Projeto: EXPL/ART-PER/1238/2021 - Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT).

Cecília de Lima.

Professora na Faculdade de Motricidade Humana – Universidade de Lisboa – Licenciatura em Dança, onde leciona as disciplinas de Técnica de Dança Contemporânea, Composição Coreográfica, Técnicas de Cena e Produção de Eventos Culturais. Desenvolve investigação no INET-md - Instituto de Etnomusicologia: Centro de Estudos em Música e Dança, no campo da relação da prática de dança com fenomenologia, ciências cognitivas e práticas somáticas, tal como no campo da educação pela arte e da dança em expansão tecnológica. O seu trabalho tem vindo a ser publicado em revistas de circulação internacional e em vários encontros científicos. Desde 2014 integra o Editorial Advisory Board do Journal of Dance & Somatic Practices. Email: cecíliadelima@gmail.com. ORCID: 0000-0002-5097-5602.

Receção: 06-12-2023

Aprovação: 10-04-2024

Citação:

Lima, C. de (2024). O conceito de corpo-humano e de corpo fantasmagórico: um manifesto sensorial para desacelerar o tempo. *Todas as Artes: Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, 7(3), pp.82-89. ISSN 2184-3805. DOI: <https://doi.org/10.21747/21843805/tav7n3a5>



TODAS AS ARTES

.....
REVISTA LUSO-BRASILEIRA DE ARTES E CULTURA
ALL THE ARTS LUSO-BRAZILIAN JOURNAL OF ART AND CULTURE



Vol. 7, N. 3, Set.-Dez. 2024
ISSN 2184-38052